

TRABALHO, AMOR E RECONHECIMENTO

O filósofo Axel Honneth completa 60 anos de idade. Uma viagem em pensamentos de Marx a Hegel para Frankfurt: ida e volta.

*Jürgen Habermas**

Axel Honneth encontrou com sua obra sociofilosófica um eco profundo. Seus livros, rapidamente traduzidos para o inglês, desencadearam animadas discussões em revistas internacionais. Hoje, já é difícil para ele dar conta dos comentadores interessados e satisfazer a todos os críticos, os quais esperam por réplicas. Na percepção de sua profissão, Honneth se encontra hoje ao lado de filósofos como Martha Nussbaum, Robert Pippin, Avishai Margalit ou Judith Butler. Que seus livros encontrem uma ressonância significativa revela tanto sobre o conteúdo da teoria como sobre o talento literário do autor.

O jovem Honneth estudou filosofia em Bonn e sociologia em Berlin, durante os anos 70. Diplomado em ambas as faculdades, ele pertence àquela espécie quase em extinção, que, outrora, formou uma forte tradição na Alemanha quando se pensa em Max Scheler e Helmuth Plessner, Arnold Gehlen e René König, Max Horkheimer e Theodor W. Adorno. Esta origem acadêmica de Honneth se deve também ao seu contínuo interesse pela Antropologia Filosófica, sobre a qual escreveu um livro junto com seu amigo Hans Joas já dois anos antes de sua defesa de doutorado; livro que foi excepcional na paisagem filosófica daquela época. A tese, elaborada com seus professores Urs Jaeggi e Michael Theunissen, revela o interesse que se manteve determinante por toda vida na continuação da tradição originada por Horkheimer. Honneth trata nela também a radical teoria do poder do período intermediário de Foucault para compensar os déficits que nesse meio tempo se tornaram visíveis na Teoria Frankfurtiana da Sociedade. Não quero omitir que o autor, naquela época, não poupou de forma alguma meu livro *Conhecimento interesse* (1968).

* Publicado pelo jornal *Zeit*, em 18/07/2009: <http://www.zeit.de/2009/30/Philosoph-Honneth>.

As condições imprescindíveis para relações de vida morais

Esta distância crítica foi um bom pré-requisito para uma década de cooperação estreita e produtiva em Frankfurt. Imediatamente após habilitação,¹ Honneth inicia uma carreira bem sucedida, a qual o leva ao professorado em Constância, Berlim e Nova York, para retornar em 1996 a Frankfurt, onde ele assume a direção do Instituto para Pesquisa Social quatro anos depois, como sucessor de Ludwig von Friedeburgs. A aura histórica desse Instituto, anteriormente mal falado, invadido pelas “Tropas de Assalto”² em março de 1933, e atualmente famoso, é desde o falecimento de Adorno, antes um fardo para cada sucessor. Quem poderia ter conseguido revitalizar este Instituto, se não Honneth?

Honneth reestabeleceu uma certa continuidade com a primeira geração da Escola de Frankfurt. Existe até uma nova *Revista para Pesquisa Social*, mesmo que, inteligentemente, não exatamente com esse nome. Não são apenas a capacidade comunicativa admirável e o temperamento socialmente aberto que possibilitaram tais realizações no tocante à organização e à teoria política. O sucesso se deve também à rede dos contatos acadêmicos tão espalhados como densos, com excelentes colegas na Inglaterra, França e Estados Unidos, mas também em Israel, Japão, Coréia e outros países.

Sua reputação científica, Honneth a fundou com sua tese de livre docência *Luta por reconhecimento*. O subtítulo – “Sobre a gramática moral dos conflitos sociais” – revela o interesse por um diagnóstico da atualidade fundado na teoria social. O que objetiva a crítica social, e como ela pode ser fundamentada? Se ela não quer ignorar de forma paternalística aqueles, cujo diagnóstico ela se propõe, então ela própria deve vincular-se à crítica dos envolvidos. Essa, no entanto, apenas se manifesta livre e claramente em aparições manifestas de protestos, por exemplo, em lutas sociais ou movimentos revolucionários. Os estudos históricos de Barrington

¹ *Habilitation*: resulta na *facultas docendi*, um passo para chegar a professor universitário.

² SA = Sturmabteilung era a milícia paramilitar nazista, comumente traduzida como “Tropas de Assalto”.

Moore sobre experiências de injustiça, as quais motivam para protesto e resistência, direcionam a atenção de Honneth para os fenômenos sociais do insulto, da ofensa e da humilhação. Ele reconhece na experiência subjetiva do desrespeito a necessidade não satisfeita de reconhecimento; e no protesto dos humilhados e ofendidos aquela relação assimétrica, em que um lado priva o outro do devido reconhecimento. Crítica social eclode em circunstâncias de reconhecimento sistematicamente não concedido, as quais ferem a dignidade humana.

Honneth expressa tais circunstâncias com o auxílio da teoria do reconhecimento do jovem Hegel. Hegel analisou em Jena casos paradigmáticos de reconhecimento recíproco através do padrão relacional do amor pessoal, do direito e da cooperação solidária. Honneth usa esses padrões relacionais como pano de fundo normativo para o descobrimento de reconhecimento negado. Amor e cuidado são relações que permitem aos envolvidos se reencontrar no “ser com o outro”. Cidadãos respeitam-se reciprocamente como portadores de direito subjetivo dentro de um sistema de direitos, o qual se funda no reconhecimento mútuo. E relações solidárias estabelecem-se em ligações de cooperação bem ordenadas nas quais todos os indivíduos podem se satisfazer, porque suas realizações são reconhecidas por todas as outras pessoas como contribuição para a promoção do bem comum. Em cada um desses casos, o reconhecimento assume uma qualidade especial, como solícita identificação com o objeto amado, como respeito recíproco de concidadãos e como valorização recíproca de realizações funcionais, úteis para o bem comum. Apenas nessa solidariedade realizam-se circunstâncias de vida “morais”, as quais abrem para todos os indivíduos, igualmente, o espaço para uma vida não fracassada.

Por outro lado, o olhar sobre resistências manifestas tem um alcance limitado. Em sociedades, nas quais há condições de algum modo estáveis, ele não penetra – mesmo se a desigualdade social crescer, pobreza e marginalização aumentarem, setores sensíveis da vida forem submetidos aos imperativos do mercado e da burocracia, os centros das cidades se tornarem desolados, bens mantidos pelo Estado ficarem escassos e a infraestrutura de formação da opinião pública se desintegrar. Por isso, o interesse de Honneth objetiva de fato aguçar o olhar para aquelas patologias normalizadas, silenciosas, cujas raízes se estendem a níveis mais discretos

da integridade ferida de grupos e indivíduos. Quando este olhar micrológico focar os sintomas não espetaculares, infeccionados, de patologias ocultas, o instrumental conceitual da teoria do reconhecimento precisa também ser sensível às consequências mais sutis do reconhecimento negado.

“Alienação” e “reificação” não são conceitos antiquados

Honneth opera com grande sensibilidade hermenêutica quando explica a intuição que o guia, através de exemplos da literatura ou de fenômenos cotidianos cuidadosamente analisados. Ao outro vulnerável somente podemos fazer jus quando fortificamos seu eu e sua autoconfiança, seu sentimento de dignidade e sua autoestima através de dedicação e apoio, afirmação e reconhecimento.

Para chegar a um ponto polêmico: Não é o possibilitar a liberdade moral sob leis igualitárias o ponto de referência decisivo e normativo para Honneth, mas o possibilitar social da liberdade ética de uma autorrelação bem sucedida. E essa é pensada como resultado de uma relação cooperativa, a qual torna a autorrealização de qualquer um dependente da avaliação recíproca de todos os outros.

Honneth sabe que ele não pode desviar para uma psicologia do reconhecimento, se a teoria do reconhecimento devesse ser uma chave para as patologias sociais. Quanto mais precisamente ele focar o microscópio nas interações simples, maior é o perigo de o diagnosticador social determinar à revelia dos envolvidos o que lhes dói, o que pode, pois, valer como sintoma de circunstâncias sociais deturpadas. Consciente dessas dificuldades, Honneth elaborou sua teoria do reconhecimento nas últimas duas décadas com coerência e continuamente. Ele conduziu com Nancy Fraser um debate – que despertou considerável interesse – sobre a questão de se poder contemplar com o conceito do reconhecimento, também, os problemas urgentes da justiça distributiva. Ele fez uma tentativa extremamente original nas Tanner-Lectures de reabilitar o conceito clássico da reificação como reconhecimento “esquecido”. Ele examinou relações de reconhecimento elementares, também, sob aspectos da Teoria do Conhecimento.

Agora, Honneth quer unir esses fios soltos numa reconstrução

da filosofia do direito hegeliana. Trata-se aqui de uma ressignificação: Honneth dá o passo histórico de Marx de volta para Hegel, para reorganizar o programa “de Hegel a Marx”. Nisso também é possível reconhecer a arriscada tentativa de uma ética formal. Um novo vocabulário sócio-ético deve revitalizar com a força da crítica cultural as descrições da sociedade atual complexa, as quais após Adorno submergiram numa melancólica tagarelice. Faltam, por exemplo, não apenas os conceitos penetrantes, para denunciar a obscenidade da crise atual, mas também as palavras denunciadoras, para subitamente iluminar as deformações sociais que se tornaram silenciosamente familiares.

Posso fazer uma retrospectiva para a década que Honneth agora tem pela frente. O sexagésimo aniversário é a data certa, para lhe desejar sucesso para seu exigente projeto.

Tradução de Andréa Doróthee Stephan Möllmann*

Data de Registro: 19/08/2010

Data de Aceite: 21/10/2010

* Doutoranda em Educação na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).